INSIGHT
# CARIOQUICE

INSTITUTO CULTURAL CRAVO ALBIN

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL . ANO VIII . N:32 . JAN/FEV/MAR 2012
ISS 1981-6049

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL . ANO VIII . N:32 . JAN/FEV/MAR 2012

"Ela é dançarina, eu sou funcionário, o seu planetário"

apud chico buarque de holanda

## ana botafogo
# mania de levitar

CARIOQUICE

MILHÕES DE TORCEDORES CONHECEM ESTA MARCA.

MILHÕES DE CLIENTES CONFIAM NESTE BANCO.

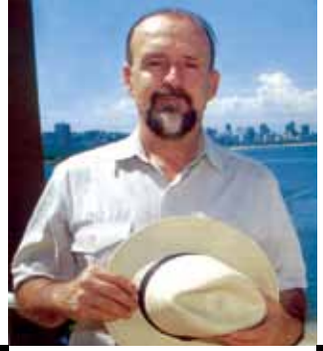
BANCO BMG

O BMG é o principal patrocinador do futebol brasileiro.
E é também o banco líder em Crédito Consignado no Brasil.
Um banco com 80 anos de história e milhões de clientes em todos os Estados brasileiros.

O negócio do BMG é oferecer crédito rápido, fácil e sem complicação para quem precisa. E para fazer isso, o que importa é ter experiência de sobra no assunto. É ter as menores taxas de juros e os maiores prazos para pagar. É ter também uma ampla rede de correspondentes. E, sobretudo, atender as pessoas com respeito e transparência, seja por telefone, pela internet ou pessoalmente.

BMG.
Quem precisa tem.

Ligue 0800 724 3100 ou acesse www.bancobmg.com.br



# MPB – a história de um século

esquina do Ricardo

Há organismos públicos que funcionam mal, quase sempre desprestigiados e lerdos. Outros — eu diria mesmo uma quantidade inferior — que são veementes exceções à regra. É o caso da Funarte, um dos braços executivos do Ministério da Cultura, agora presidida pelo ator Antonio Grassi, uma figura muito querida em nosso meio artístico, ambiente, reconheço, restritivo e exigente, como tem mesmo que ser. Pois o Grassi se apaixona por ideias, de preferência aquelas que irradiam de dentro para fora.

Agora mesmo estão por sair, entre tantos projetos apreciáveis da Fundação, livros de referência. Por um deles, tenho carinho especial: *MPB — A história de um século*, que eu fiz, encomendado pela Fundação Nacional de Artes ao final do século XX. Lançado em 1998 na famosa coleção "História visual das artes no Brasil", o livro original esgotou-se em menos de três meses, quando editado há catorze anos.

Hoje uma preciosidade disputada por colecionadores do mundo inteiro, a obra *MPB - A história de um século* está sendo editada nesses dias, revisada e ampliada, inclusive com nova capa. A Funarte, em comum acordo com o Instituto Cultural Cravo Albin, que também assina a nova edição, agregou às línguas originais da primeira edição (português, inglês e espanhol) o francês. O livro, a par do prefácio da edição inicial, de João Máximo, conta também com novo prefácio de Paulo Coelho, além de texto introdutório do próprio Antonio Grassi.

*MPB — A história de um século*, agora em quatro línguas, é um trabalho de sabor internacional sobre a música popular do Brasil e está dividido em duas partes: na primeira, condensam-se quatro capítulos que gravitam desde o começo, ou seja, as origens da MPB, até o final do século XX. Aqui se propõe toda uma evolução rítmico-literária por meio de um natural e sedutor processo miscigênico, sustentação da MPB e da própria identidade nacional. O livro repassa década a década e ainda perfila não só nomes fundamentais, como também alinha gêneros, modismos e movimentos de essência que fazem o amplo painel da MPB de sempre.

Na segunda parte, em rigorosa cronologia, quase 500 imagens exibem os mais importantes vultos da canção popular do Brasil, desde Chiquinha Gonzaga (anos 10) ou Ary Barroso e Carmem Miranda (anos 30) até Cazuza (anos 80) ou Marisa Monte (anos 90). Um livro que, reconheço agora, vale a pena ser republicado para uma nova geração.

# sumário

## carioquice

Nº 32 JANEIRO/FEVEREIRO/MARÇO DE 2012
ISS 1981-6049


### É som, é sal, é mar

6 ICCA é 1, 2, 3, 4... dez!

10 Bip Bip: você tem sede de quê?

14 As sete notas do museu

### Cidade Maravilhosa

20 Polindo o pedregulho

26 De volta para o passado

### Saga Carioca

30 Como é linda a bailarina!

38 Uma câmera na mão, muitas ideias na cabeça

### Magia do Olhar

42 Se eu quiser falar com Deus

### Do bem comer e melhor beber

54 O sabor dos anos dourados

### Causos & Letras

58 Relicário de notícias

### Embaixador do Rio

68 O Rio visto da janela
Por Antonio Mello Alvarenga Neto


LEI DE INCENTIVO À CULTURA
Ministério da Cultura
GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA
ENGEVIX
BANCO BMG

# Expediente

DIRETOR
Ricardo Cravo Albin

DIRETORA-ASSISTENTE
Maria Eugênia Stein

EDITOR RESPONSÁVEL
Luiz Cesar Faro

EDITORA EXECUTIVA
Vera de Souza

REPÓRTER
Kelly Nascimento
Mônica Sinelli
Júlia Santhiago

ARTE
Marcelo Pires Santana
Paula Barrenne de Artagão

FOTOGRAFIA
Adriana Lorete & Marcelo Carnaval

PRODUÇÃO GRÁFICA
Ruy Saraiva

REVISÃO
Rubens Sylvio Costa
Cecilia Mattos Setubal

CAPA
Adriana Lorete

CONSELHEIROS E AMIGOS DE CARIOQUICE

- Afonso Arinos de Mello Franco
- Alfredo Marques Viana
- Ancelmo Gois
- Amaro Enes Viana
- Archimedes Monea
- Ana Arruda Callado
- Anna Letycia
- Boni
- Celina Borges Torrealba Carpi
- Chico Caruso
- Cicero Sandroni
- Claudia Fialho
- Darc Costa
- Daniel De Plá
- Eva Mariani
- Francis Hime
- Henrique Luz
- Humberto Eustaquio Mota
- Jaguar
- Jerônimo Moscardo
- Jerson Lima
- João Maurício de Araújo Pinho
- Joaquim Ferreira dos Santos
- Joel Nascimento (do bandolim)
- Jomar Pereira da Silva
- José Louzeiro
- José Viegas Filho
- Júlio Bueno
- Júlio Lopes
- Lan
- Lélia Coelho Frota✞
- Leonel Kaz
- Lilibeth Monteiro de Carvalho
- Lucy Barreto
- Luis Fernandes
- Luiz Alfredo Salomão
- Luiz Antonio Viana
- Luiz Carlos Barreto
- Luiz Carlos Lacerda (Bigode)
- Luiz Cesar Faro
- Lula Vieira
- Malvina Tuttman
- Marcelo Carnaval
- Marcílio Marques Moreira
- Marco Polo Moreira Leite
- Marcos Faver
- Maria Beltrão
- Mário Priolli
- Martinho da Vila
- Nélida Piñon
- Neville d'Almeida
- Noca da Portela
- Octávio Melo Alvarenga✞
- Olívia Hime
- Oscar Niemeyer
- Paulinho da Viola
- Paulo Fernando Marcondes Ferraz
- Paulo Roberto Menezes Direito
- Philip Carruthers
- Raphael de Almeida Magalhães✞
- Rosiska Darcy de Oliveira
- Ruy Castro
- Ruy Garcia Marques
- Tito Ryff
- Verônica Dantas
- Vivi Nabuco
- Wagner Victer
- Wanderley Guilherme dos Santos
- Zelito Viana
- Ziraldo

REDAÇÃO E PUBLICIDADE
Insight Engenharia de Comunicação & Marketing

RIO DE JANEIRO
Rua do Mercado 11 / 12° andar
Cep 20010-120 · Tel: (21) 2509.5399 · Fax: 2516.1956
email: insight@insightnet.com.br

SÃO PAULO
Rua Bela Cintra 746 / con.71 · Consolação
Cep 04571-090 · Tel/Fax: (11) 3284-6147
email: insightsp@insightnet.com.br

www.insightnet.com.br

Carioquice é uma publicação do
Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA)
Av. São Sebastião, 2 Cobertura · Urca
Cep 22291-070 · Rio de Janeiro, RJ · Tel: (21) 2542.0848
email: icca@veloxmail.com.br
www.dicionariompb.com.br

www.carioquice.com.br
Email: carioquice@carioquice.com.br

# Conquistamos muito e ainda temos mais a conquistar.

O Banco BVA, nos últimos anos, vem registrando um crescimento sustentável, resultado da confiança de seus clientes e do setor financeiro.

Conservador na política de concessão de crédito e transparente na comunicação com o mercado, busca, sempre, ser um banco sólido e preparado para enfrentar a competitividade do mercado e poder conquistar ainda mais.

Entre em contato. Cresça conosco.

bancobva.com.br

BVA
Banco BVA S.A.

# SUSTENTABILIDADE

*s.f.* (sXX) característica ou condição do que é sustentável • ETIM *sustentável* com o suf. *–vel* sob a f. lat. *-bil(i)dade- + -dade*

# +

# OBJETIVIDADE

*s.f.* (sXVIII) 1 qualidade, caráter ou condição do que é objetivo 2 qualidade do que dá, ou pretende dar, uma representação fiel de um objeto ⟨*a o. da ciência*⟩ 3 qualidade do que é imparcial ⟨*a o. de uma notícia*⟩ 4 caráter daquele que age rápido, que não perde tempo em lucubrações 5 característica do que não é evasivo, do que é direto 6 FIL realidade exterior ou desse-melhante ao sujeito (o intelecto cognitivo humano), passível de por ele ser conhecida ou transformada • ETIM *objetivo + -i- + -dade* • ANT inobjetividade

BIOMA

# BIOMA+20

A CONFERÊNCIA MAIS IMPORTANTE DO MUNDO
COMEÇA ANTES, NA EDIÇÃO ESPECIAL DESTA REVISTA.

*A revista Bioma vai antecipar alguns dos principais debates previstos para a Rio+20. E será distribuída para os participantes do evento. A agenda da objetividade é nossa! Anuncie! Reserve agora seu espaço publicitário.*

*Mais informações*
*Tel (21) 2509-5399 • ruy@insightnet.com.br • www.insightbioma.com.br*

# Icca é 1, 2, 3, 4... dez!

por Kelly Nascimento

**Nada menos que 10 anos de serviços em prol da música brasileira. O Instituto Cultural Cravo Albin e a cidade do Rio têm mais é que comemorar. No período, foram recuperados milhares de discos, centenas de coleções, foi implantado o maior banco mundial de dados em música popular na web (o Dicionário Cravo Albin da MPB) e foram homenageadas figuras emblemáticas da música popular brasileira. E vem mais por aí. A equipe da Carioquice pede a benção, Sr. Cravo Albin!**

O ICCA saiu da cabeça do escritor, jornalista e musicólogo brasileiro Ricardo Cravo Albin, considerado um dos maiores pesquisadores da MPB. "A criação do Instituto coroou a história do próprio Ricardo e sua ligação com a música popular brasileira. Ricardo foi o fundador do Museu da Imagem e do Som, um formato único em todo o mundo. Em paralelo, Ricardo sempre teve espírito de colecionador. Prova disso é a Coleção Ricardo Cravo Albin, com 6.900 LPs que ele reuniu ao longo da vida. O próprio Ricardo já tinha um acervo valioso no universo da MPB e sempre foi preocupado com a preservação dos bens culturais do país. Logo, a criação do ICCA foi um processo natural, dada a trajetória do Ricardo", avalia a diretora de Cultura do Instituto, Maria Eugenia Stein.

Eugênia foi uma das pessoas que acompanharam o surgimento do Instituto, criado em 24 de janeiro de 2001, respaldado por outras personalidades cariocas como Affonso Arinos de Mello Franco, Amaro Enes Viana, Martinho da Vila, Maria Beltrão, Octávio Mello Alvarenga, Marcílio Marques Moreira, Leonardo Cravo Albin, Marcos Faver e Rosiska Darcy de Oliveira. Todos eles integram o grupo de sócios fundadores do ICCA.

A criação era apenas o começo de um grande trabalho. "Inicialmente a situação do acervo era dispersa e sem catalogação. Então, Ricardo foi buscando especialistas para pôr em prática a preservação. Um parceiro de primeira hora foi a Faperj, que de pronto apoiou o trabalho. Logo depois, fechamos uma parceria fundamental com a Uni-Rio, com a área de Museologia. Contamos também com a valiosa ajuda do arquivologista Sergio Albit, que juntou museologistas e arquivologistas aos pesquisadores que já estavam dedicados a estruturar o Dicionário da MPB", recorda Maria Eugenia.

A equipe de especialistas passou a trabalhar na catalogação e digitalização de discos, higienização, registro fotográfico das capas e acondicionamento do material em caixas especiais. Nesses

**As doações para o ICCA chegam de colecionadores particulares, como Geraldo Casé, Ivon Curi, Nélida Piñon, Aliança Francesa e Instituto Brasil-Estados Unidos (IBEU)**

Ricardo Cravo Albin, durante sarau, chorando com Joel do Bandolim, patrocinado pelo Grupo MPE, 2011

> "Vamos comemorar esses 10 anos com muito trabalho. Hoje o que mais me orgulha é receber crianças de todas as idades e grupos da terceira idade e poder contar um pouco da história da música popular brasileira para eles"
> Ricardo Cravo Albin

10 anos, já foram tratados cerca de 15 mil discos.

O trabalho de preservação desenvolvido no ICCA virou referência. E logo começaram a chegar doações de colecionadores particulares, como as de Geraldo Casé, Ivon Curi, Nélida Piñon, Aliança Francesa e Instituto Brasil-Estados Unidos (IBEU), e o acervo do Canecão, com cerca de 15 mil fotografias. "O ICCA tem a preocupação de promover o crescimento inteligente das coleções, tratadas com o máximo cuidado", acrescenta Maria Eugenia.

Em paralelo, o Instituto lançou uma linha editorial, dedicada ao resgate da memória da MPB. Os mais recentes lançamentos foram os livros *MPB, a alma do Brasil* e *Vinicius*. Mas talvez o mais memorável trabalho seja o inovador *Dicionário da Música Popular Brasileira*, na versão impressa, lançada em parceria com o Instituto Antonio Houaiss. O dicionário conta também com uma versão online, permanentemente atualizada.

Na área audiovisual, o ICCA lançou um selo, responsável pela gravação dos primeiros discos da Vó Maria e da filha de Paulinho da Viola, Eliane Faria. Também foram lançados pelo selo discos em homenagem ao centenário de Noel Rosa (2010) e Luiz Gonzaga (2011). Outra iniciativa marcante foi a criação da rádio digital, dedicada a música brasileira. O site do Instituto hospeda, ainda, o Fórum da MPB nas Escolas.

As personalidades da MPB são constantemente homenageadas por meio de diversas iniciativas. Em eventos como Sarau da Pedra, criado em 2007, foram lembrados dezenas de nomes como João Bosco, Edu Lobo, Francis Hime, Guinga, entre tantos outros. O ICCA promove também Sabatinas Musicais para contemplar expoentes da MPB. E recebe eventos diversos, como o do lançamento da minissérie "Dalva e Herivelto", da TV Globo.

Em outra frente de ação, são promovidas diversas exposições: Sergio Ricardo, Rádio Nacional, Sérgio Porto, Pedro Caetano, Mario Lago, 100 anos de Nelson Cavaquinho. No último ano o ICCA também resgatou o Clube de Jazz e Bossa, que agitou os meios musicais cariocas nos anos 1960.

### FUTURO

Para os próximo anos, o plano de Ricardo Cravo Albin para o ICCA é um só: trabalho, muito trabalho. E ampliar a parceria com FAPERJ, que é preferencial. Entre as metas, estão a ampliação da linha editorial, um projeto de expansão do espaço, a fim de dar acesso ao público e intensificar o intercâmbio com instituições acadêmicas. "Vamos comemorar esses dez anos com muito trabalho. Hoje o que mais me orgulha é receber crianças de todas as idades e grupos da terceira idade e poder contar um pouco da história da música popular brasileira para eles", revela Ricardo Cravo Albin.

# BONSUCESSO NEGÓCIOS CULTURAIS.

Um negócio para fechar
não só com aperto de mão,
mas com salva de palmas.

O Bonsucesso Negócios Culturais aproxima empresas e artistas das leis de incentivo, e contribui com o desenvolvimento social, esportivo e econômico do país. Você e sua empresa podem fazer parte disso através dos incentivos fiscais. Bonsucesso Negócios Culturais. Um investimento para aplaudir de pé.

**(31) 2103 7900 | (11) 2103 7906**

BONSUCESSO

• Consultoria Cultural • Patrocínio • Criação e Gestão de Projetos
• Programa de Captação de Recursos • Registro de Projetos Audiovisuais • Gestão Financeira

# Bip Bip: você tem sede de quê?

POR ROGÉRIO DAFLON

**Alfredo Melo, dono do bar Bip Bip em Copacabana, vive dando bronca em cliente. Outro dia mesmo, um cara, distraído como ele só, abriu a geladeira do boteco e ficou fitando as opções, até que sua reflexão etílica foi interrompida: "Não está vendo que assim vai esquentar a cerveja?" Na mesma hora, o sujeito fechou a geladeira e, em vez de ficar sem graça ou chateado, perguntou se podia então pegar vodka e gelo. "É claro", disse Alfredo, num tom mais amigável. E o diálogo soou como música. Bip Bip é assim: um boteco com menos cerimônia ainda, onde o mau humor do dono é traduzido pelos fregueses como uma simpatia, digamos, bem peculiar, algo difícil mesmo de explicar. O fato é que Alfredo faz todo mundo ali se sentir em casa. Como? Vá lá e veja você mesmo.**

O cavaquinista e compositor Henrique Cases não conhece dono de boteco igual. Alfredinho, como ele o chama, mostrou uma liderança incrível à frente do Bip no começo da década de 1990, quando daquele desastre econômico promovido pelo então presidente Fernando Collor de Mello.

"Todo mundo ficou sem dinheiro. O Bip então virou uma espécie de sede do Sindicato da Galera sem Grana."

O espírito do Bip começou a ganhar corpo, conta Cases, quando a cantora Cristina Buarque levou uma aparelhagem de som para o lugar, com umas fitas cassetes que faziam toda a diferença. "Era música da melhor qualidade que saía daquelas fitas: Cyro Monteiro, Aracy de Almeida, Geraldo Pereira, Wilson Batista", recorda Cases. E o Bip foi se transformando num ponto de encontro de quem não quer saber de um Rio chique, mas deseja um Rio autêntico.

Pois na passagem musical das fitas cassetes para as belas rodas de samba e choro, Alfredo foi trazendo o clima de subúrbio para a rua Almirante Gonçalves. Essa atmosfera do outro lado da cidade foi atraindo grupos de choro, da música

45 anos a serviço do
porre e da amizade!!!
Dilma13
PETISCOS
bip-bip
SALAME QUIBE QUEIJO
AZEITONA
BOLINHO DE BACALHAU

Alfredo Melo, dono do bar Bip Bip

"Alfredinho acolhe todos, trazendo ao Rio de Janeiro uma gentileza urbana"

Angela Azevedo, urbanista

brasileira, instrumentistas da velha guarda, jovens compositores. E o Bip, um bar tão pequeno, passou a abrigar uma imensa quantidade de canções e sambas cantados baixinho, para os vizinhos não reclamarem. Ali, aplauso só com as pontas dos dedos. "Muitas parcerias e canções nasceram no Bip", revela Henrique Cases.

Por essas e outras é que o Bip Bip é um autêntico reflexo da alma carioca. Carrega uma aura de realismo fantástico que só o Rio de Janeiro e Copacabana, confusa e caótica, têm. O esquema anárquico de funcionamento e a quantidade de histórias mágicas sobre o lugar vão confirmando essa tese.

Garçom? Não há. Cada cliente — que logo vira amigo — fica à vontade para buscar sua própria cerveja na geladeira, desde que, é claro, a feche logo.

Quem frequenta o Bip sabe que Alfredo dispensa modernidades. Aquele cartão de banco que tira o seu dinheiro da conta automaticamente, nem pensar. A contabilidade é feita manualmente pelo dono em seu bloco de papel, no qual anota o consumo de todos. Caixa registradora? Nem sinal, sumiu. Um dos organizadores do livro *Bip Bip 40 anos: histórias de um bar*, Chiquinho Genu narra que num belo dia a máquina desapareceu mesmo. E ninguém sabe explicar por quê. Antes do sumiço, já era dispensável. Funcionava apenas como um enfeite no bar, guardando objetos, bilhetes e anotações. Genu relata o atual sistema de caixa: três ou quatro potes onde fica guardado o dinheiro. Em um deles, as cédulas de R$2; e nos outros, moedas de R$1 e notas de R$5, R$10 e R$20.

Alfredo e Bip Bip se conheceram em 13 de dezembro de 1968. Sim, no dia da promulgação do Ato Institucional Número 5, que veio com o recado de que o regime de exceção do país duraria muitos e muitos anos. Alfredo, que protegeu

muita gente na ditadura militar, é, de certa forma, um símbolo de resistência. Só que resiste com música, dando leveza à sua missão. Chegou ao Bip no fim da década de 70, e comprou o ponto com dinheiro e caixas de uísque. O antigo dono passou a frequentar o bar como cliente e não pagava as doses.

Histórias assim é que mostram que o Bip Bip de Alfredo é sinônimo de troca, quando essas seis letras descrevem uma transação na qual ninguém quer se dar bem em cima do outro. A urbanista Angela Azevedo escreveu à perfeição o jeito Alfredo de tocar o bar. "Alfredinho acolhe todos, trazendo ao Rio de Janeiro uma gentileza urbana e impondo respeito com suas atitudes que estimulam o amor pela cidade e pela cultura."

Alfredo mantém uma caixa para quem quiser ajudar pessoas de baixa renda ou com problemas de saúde. Todo mundo que vai lá colabora feliz. Numa dedicada à bossa nova, viu-se ali que Alfredo mantém seu bar de olho em tudo. Viu o jovem saxofonista Marcelo Jiran, jeito tímido de mineiro, sentado à mesa. Jiran contava então que era sua primeira vez no Bip Bip. "Sou de Belo Horizonte, e muita gente já me falava bem daqui. Mesmo assim, não tinha a ideia de que era tão bom." Na mesa da diretoria, Alfredo deu um berro. "Oh, rapaz, o que está esperando para tocar?" Jiran juntou-se então ao grupo que cantava com uma bela base de violões e percussão os clássicos de Tom, Vinícius, Baden, Carlinhos Lyra & Cia. Com o sax, as músicas ganharam aquele auxílio luxuoso. De repente, o grupo passou a tocar e cantar Noel Rosa. "Em outra mesa, um cliente comentou: 'Está certo, o Noel foi a bossa nova do seu tempo.'"

E o Alfredo prova que o tempo de um Rio musical e feliz terá sempre espaço. No diminuto Bip Bip, as horas passam sem ninguém sentir.

O Bip Bip, um bar tão pequeno, passou a abrigar uma imensa quantidade de canções e sambas cantados baixinho, para os vizinhos não reclamarem

# as sete notas do museu

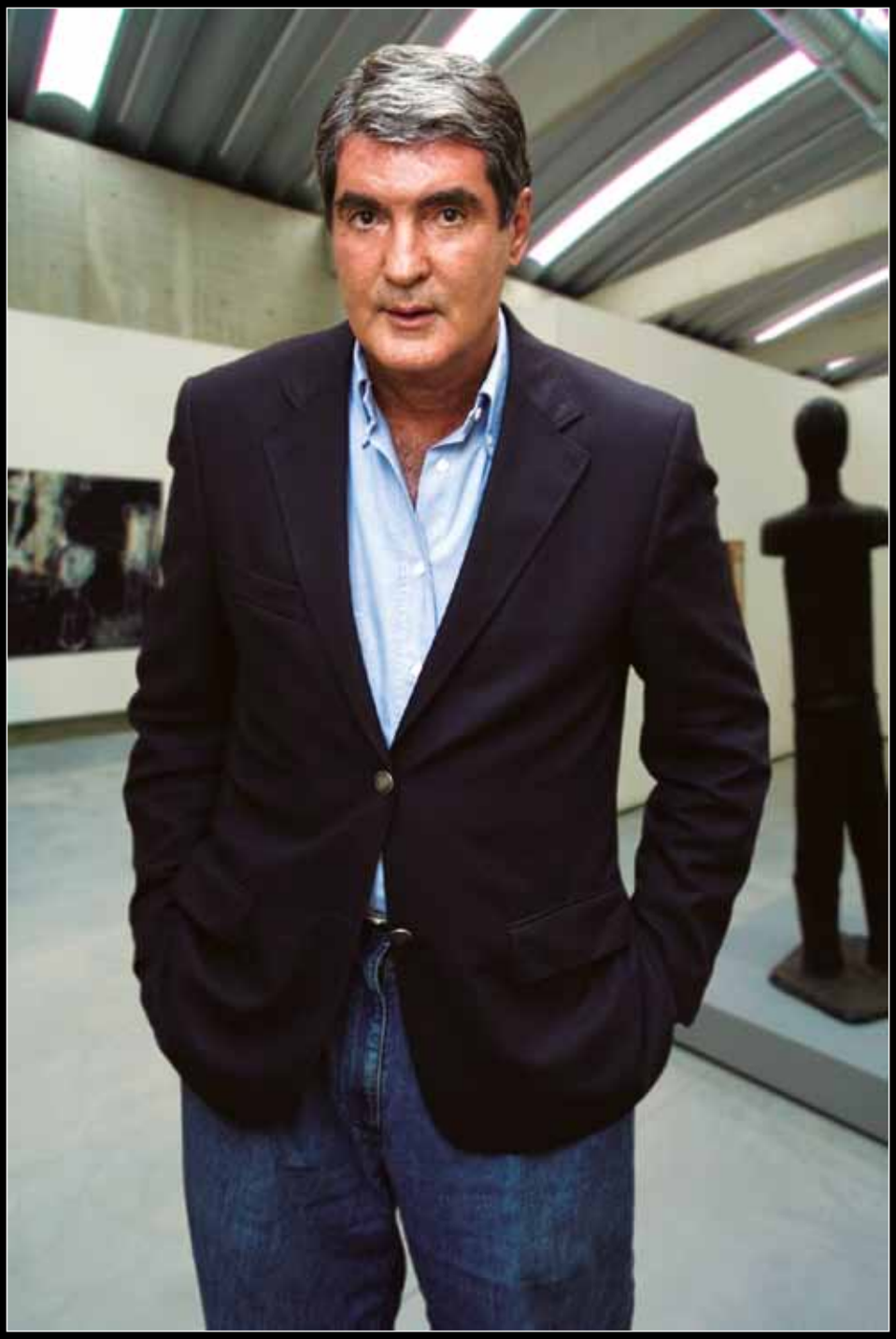
por olga de mello

**Ao retornar de uma viagem à Europa, em 1997, o advogado Sérgio da Costa e Silva procurou a então diretora do Museu Nacional de Belas Artes, Heloísa Lustosa, com uma indagação: por que não aproveitar o espaço para concertos de música clássica – uma prática comum em países europeus. Nascia, então, o projeto Música no Museu, que já levou, ao longo desses 15 anos, 350 mil pessoas a apresentações de artistas consagrados e de nomes menos conhecidos, em todo o Brasil. O sucesso da iniciativa se deve ao empenho de Sérgio, que, aposentado, dedica-se integralmente ao Música no Museu. Hoje, o Projeto promove 500 apresentações por ano, somente no Brasil.**

Sérgio da Costa e Silva é um pai zeloso do Música no Museu, que desde o início não se restringiu ao que o próprio título propunha, promovendo concertos em igrejas e em diferentes prédios, históricos ou não. As fronteiras geográficas também foram rompidas. Em 2005, nas comemorações do Ano Brasil-França, músicos brasileiros mostraram um repertório clássico nacional no Museu de Montmartre, em Paris. Um programa semelhante foi levado, em 2008, para cidades de Portugal, Espanha, Marrocos, República Tcheca e Estados Unidos. O projeto também gerou desdobramentos que, hoje, têm vida própria: o Rio Harp Festival, iniciado em 2005, e o Concurso Jovens Músicos, que premia intérpretes de até 28 anos de idade.

"Foram ideias e oportunidades que surgiram, deram certo e não pararam mais. Exatamente como o Música no Museu, que cresceu muito além do que eu imaginava", conta Sérgio, um admirador de música clássica cuja intenção original era a de estimular a formação de plateias, utilizando ambientes que comportavam concertos. Para isso, aprendeu a captar recursos entre patrocinadores. "Hoje é mais fácil, o projeto se vende praticamente sozinho, é conhecido. Mesmo assim, para cada acordo fechado, ouço muitas negativas. É natural que uma empresa prefira investir em eventos na praia, que atraem 150 mil pessoas, do que financiar um projeto que terá um público três vezes menor ao longo do ano inteiro", lamenta Sérgio.

Embora inferiores às plateias de gêneros musicais populares, a grande procura do público



Sérgio da Costa e Silva, pai zeloso do projeto Música no Museu

**"Toquei na abertura, nos 10 anos e nos 15 anos do Música no Museu. Acho importantíssimo termos um projeto assim no Brasil"**

**Turíbio Santos**

já levou, em diversas ocasiões, os artistas do Música no Museu a fazerem duas récitas. "Em locais como o Museu da República, por exemplo, já aconteceu isso várias vezes. Chega mais gente do que a casa comporta. Então, são os próprios artistas que resolvem fazer duas apresentações seguidas, porque não querem decepcionar o público. E isso me motiva a continuar lutando para manter o Música no Museu", afirma Sérgio Costa e Silva.

Se a ideia era seguir o padrão europeu, havia diferenças básicas a serem enfrentadas no Brasil. A primeira era criar um evento totalmente gratuito. A segunda, apostar, sem qualquer garantia, na conquista de um público mais habituado a outro tipo de música. "O concerto de músicos brasileiros no Carnegie Hall, em 2010, estava todo vendido três dias antes. Se eu parasse para pensar, jamais teria a ousadia de buscar o espaço para uma apresentação do Música no Museu – que foi maravilhosa."

A pianista Maria Helena de Andrade, que gravou um CD a convite do Música no Museu, vê no projeto uma oportunidade igualitária para todos os profissionais que se dedicam ao clássico no Brasil. "O projeto é abrangente não só no público que mobiliza, mas ao apresentar jovens músicos às plateias. Estamos cansados

de ver séries que se estinguem, alegando falta de espectadores. Mas o Música no Museu sobrevive, porque conta com o entusiasmo do Sérgio. Ele apresenta os músicos antes dos concertos, anuncia as próximas atrações. É muito cuidadoso e demonstra um carinho real pela música", diz Maria Helena.

A interação com o público se dá também através de pesquisas, como a que selecionou os concertos preferidos pelos *habitués* do projeto, que formaram uma série especial, todas as primeiras quartas-feiras do mês, no Teatro Sesi Centro-Firjan. O primeiro foi o do violonista Turíbio Santos, em março, no dia de seu aniversário de 69 anos. Turíbio abriu a série por ter sido o primeiro artista a se apresentar pelo projeto, no Museu Nacional de Belas Artes, em 1997. "Toquei na abertura, nos 10 anos e nos 15 anos do Música no Museu. Acho importantíssimo termos um projeto assim no Brasil, porque leva a música para os mais diferentes locais e ainda chama a atenção para os museus", diz Turíbio, que em 2012 comemora também seus 50 anos de carreira.

**"O pianista Nelson Freire tinha uma brecha na agenda, em novembro, e sugeri que fizesse um concerto na igreja Matriz da cidade"**

**Sérgio da Costa e Silva**

**Capa do CD da pianista Maria Helena de Andrade, lançado dentro das comemorações de 15 anos do projeto Música no Museu**

Outro ponto alto do projeto em 2012 será o concerto de Nelson Freire, em 30 de junho, no Teatro de São João Del Rei, comemorando os 50 anos de carreira do pianista, que participou, em 2008, do Música no Museu, com uma apresentação na igreja Matriz de Tiradentes. "Quando abordei o Nelson, que estava passeando por Tiradentes, era junho. Descobri que ele tinha uma brecha na agenda em novembro e sugeri que fizesse um concerto na igreja Matriz da cidade." Aceita a sugestão, começou uma operação logística sofisticada, que incluiu até convencer um casal de noivos a transferir seu casamento, que seria na mesma data, para

"O projeto conseguiu estender a temporada de música clássica no Brasil pelo ano inteiro, criando e renovando plateias e agregando um elenco novo"

Sergio da Costa e Silva

outro local, além da reforma do equipamento de som e dos bancos da igreja.

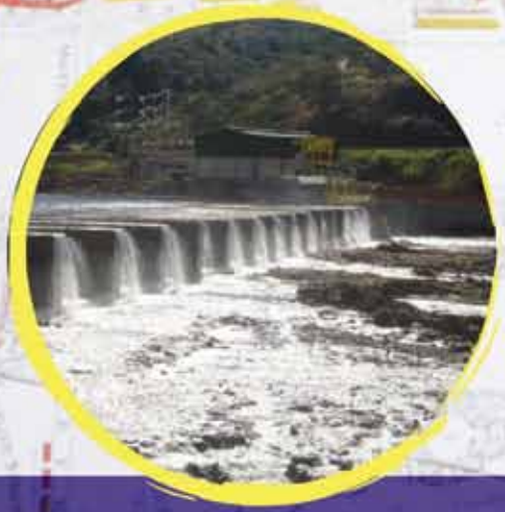
"Tudo pronto, no dia do concerto caiu um temporal que só acabou por volta das 17h. Achei que não ia ninguém. Acabou que foi um sucesso, com a apresentação sendo assistida por todos os moradores, em telões distribuídos pela cidade, e ainda transmitido, ao vivo, pelo Jornal Nacional", lembra Sérgio da Costa e Silva.

São recordações como essa que alimentam o entusiasmo de Sérgio, que se orgulha de nunca ter acontecido um atraso ou adiamento dos cerca de 2.500 concertos gratuitos realizados, que envolveram mais de 1.100 artistas, incluindo solistas, grupos, orquestras e corais. A procedência do público é variada, com maioria de frequentadores da Zona Sul e da Tijuca, de faixa etária superior aos 50 anos, utilizando, preferencialmente, metrô e ônibus como meio de transporte até os locais das apresentações.

"Vivo em função dos desafios que surgem a cada momento, com o apoio de muita gente que entende a importância de democratizar o acesso à música. O projeto conseguiu estender a temporada de música clássica no Brasil pelo ano inteiro, criando e renovando plateias e agregando um elenco novo, já que pelo menos um terço dos concertos tem à frente jovens talentos. O panorama era outro, quando começamos. Poucos acreditavam que uma iniciativa dessas teria fôlego para se sustentar por um ano. Quinze anos depois, ampliamos a programação e abrimos para outros gêneros, como o jazz, continuando a oferecer concertos gratuitamente. É mais até do que se faz na Europa, onde as apresentações musicais são pagas", diz Sérgio.

# Engevix.

## Crescendo junto com o Brasil de hoje e de amanhã.



A Engevix Engenharia está crescendo junto com o Brasil. Somos mais de 4.300 colaboradores dedicados aos mais variados projetos, como infraestrutura rodoviária e portuária, geração de energia de fontes renováveis, unidades de tratamento de óleo e gás, construções oceânicas para extração e transporte de petróleo, projetos de transporte público de massa, redes de expansão de saneamento. Trabalhamos em mais de 13 Estados e no Distrito Federal, além de unidades em países do Mercosul, Estados Unidos e nos continentes africano e asiático. Empregamos as mais modernas tecnologias em nossas atividades e desenvolvemos conhecimento como resultado da experiência de mais de 45 anos de atuação em engenharia consultiva. Hoje a Engevix Engenharia está crescendo junto com o Brasil de amanhã.

ENGEVIX

Engenharia Inteligente.
Empreendimentos de Valor.

www.engevix.com.br
+55 11 2106.0100

2&7 COMUNICAÇÃO

# Polindo o pedregulho

por Rogerio Daflon

O Conjunto Habitacional Prefeito Mendes de Moraes, mais conhecido como Pedregulho, começa a ser restaurado ainda neste ano. O arquiteto Alfredo Brito, que vai coordenar esse processo, constrói uma digressão, a fim de mostrar que a notícia pura e simples do restauro da obra de Affonso Eduardo Reidy é algo que carece de um contexto maior. Há mais de pedra preciosa no Pedregulho do que imagina a vã filosofia.

Na verdade, Brito quer esmiuçar por que essa recuperação é tão importante: "Com o Pedregulho, Reidy mostrou que é possível fazer habitação popular com arquitetura de qualidade. O Pedregulho é tão admirado que há conjuntos no mundo que se basearam nele. Há filhotes dele na Polônia, na Hungria e em Portugal."

O Pedregulho fica em Benfica, na Zona Norte do Rio. Centenas de arquitetos do mundo vêm conhecê-lo anualmente. O próprio Alfredo Brito trouxe no ano passado um dos mais renomados internacionalmente: o britânico Richard Rogeres, autor do Centro Georges Pompidou com o italiano Renzo Piano. "Ele me agradeceu muito por o ter levado lá. Disse que estava emocionado por conhecer uma das mais notáveis realizações arquitetônicas do século XX; pelas soluções espaciais tão criativas, detalhes apurados, beleza e significado social", diz Alfredo.

Não foi a primeira visita ilustre ao Pedregulho. Em 1962, o arquiteto Le Corbusier, o grande mestre de Reidy, veio ao Brasil para conhecer Brasília e, a pedido de Carmen Portinho (companheira e chefe de Reidy no Departamento de Habitação Popular), passou pelo Rio. Ela lhe perguntou se queria ir até o Pedregulho. A resposta do maior nome do modernismo: "Assim que saí do aeroporto, pedi para me levarem lá." Na época,

Carmem ficou envergonhada, pois o conjunto habitacional já estava totalmente abandonado. E ficaria ainda mais deteriorado. Em 1964, Reidy morreu precocemente, aos 55 anos. Nesse ano, foi fundado o Banco Nacional de Habitação, que tinha diretriz diametralmente oposta à de Carmem Portinho e de Reidy em relação à habitação social. "Enquanto Reidy fez o Pedregulho com a tecnologia construtiva disponível à época com toda a preocupação quanto ao custo, ou seja, reunindo qualidade e baixo custo, os conjuntos do Banco Nacional de Habitação (BNH) baixaram os custos passando por cima da qualidade. Então, o Pedregulho era um contraponto forte à política do BNH. Daí o porquê de seu abandono", explica Alfredo. E daí por que sua recuperação tem de ser comemorada. A Secretaria Estadual de Habitação assegura que até 2014, ano da Copa do Mundo, o Pedregulho estará novinho em folha. A obra mais estrutural começou em janeiro de 2011. No começo da intervenção, constatou-se que o conjunto, sobretudo o edifício sinuoso, estava nas piores condições possíveis. Para deixá-lo de pé, foram gastos nessa primeira fase R$ 12,8 milhões. Na segunda, vão ser investidos mais R$ 24 milhões no Pedregulho, antes de chegar ao momento do restauro, em que estão incluídas a recomposição do paisagismo de Burle Marx e a recuperação das edificações não residenciais, como a escola, o ginásio, a lavanderia, o mercado e centro médico. "A restauração terá de fazer algumas adequações à realidade de hoje. Todas as janelas do prédio maior, aquele sinuoso, eram de madeira. A ideia é trocar por esquadrias de alumínios com a cor de madeira idêntica à prevista do projeto de Reidy", diz Alfredo, ressaltando que

não existe mais vestígio dos jardins de Burle Max no Pedregulho. "Os jardins terão de ser refeitos. Isso é algo importantíssimo." Já os painéis de Cândido Portinari (na escola), de Anísio Ribeiro (centro de saúde) e do próprio Burle Marx (ginásio esportivo) foram restaurados.

"Reydi projetou, sob a inspiração de Carmem Portinho, que foi conhecer a habitação social do pós-guerra na Inglaterra, uma unidade de vizinhança perfeita", diz Alfredo, citando um conceito urbanístico que norteia núcleos habitacionais com serviços e abastecimentos para os moradores, como equipamentos de saúde, educação, lazer, esporte e mercado e assistência social. "É claro que Reidy também pensou no fato de o Pedregulho ser próximo do Centro e ser bem servido de transporte. Na época, o Pedregulho foi residência de funcionários de baixa renda da Prefeitura. Eles recebiam moradia de qualidade e chegavam ao emprego rapidamente." No conjunto habitacional, há além do centro médico, do mercado, da lavanderia e do ginásio esportivo, um ótimo vestiário, piscina e, ao todo, 328 unidades residenciais, distribuídas em três blocos de apartamentos. Um

detalhe: o mercado está em péssimo estado e o posto de saúde destruído.

Para Helga Santos, arquiteta que mora no conjunto, terminada a obra estrutural, a restauração é algo vital: "Será a valorização do conjunto para os próprios moradores. O posto de saúde em ruínas só tem o teto e as paredes. Sua recuperação vai ser importante não só para os moradores do Pedregulho como para os de seu entorno," diz Helga, que acha que, na medida do possível, todos os detalhes previstos por Reidy deveriam ser recuperados. "Os cobogós, por exemplo, são elementos vazados em cerâmica de todos os blocos. São bonitos e fundamentais para a ventilação e entrada da luz do sol. Reidy pensava em tudo."

# Quando o tempo fecha, é importante saber onde vai chover.

NEGÓCIOS & FINANÇAS

**Relatório Reservado**

Aqui a notícia chega antes.

Relatório Reservado, especializado em economia do mercado brasileiro.

O RR não tem participação em empresas, não gerencia fundos.
Nossos analistas trabalham para você, leitor, investidor, com
a independência dificilmente encontrada em outras fontes.

www.relatorioreservado.com.br

# De volta para o passado

por Olga de Mello

**No início do século XX, quando o prefeito carioca Pereira Passos decidiu executar um ambicioso plano urbanístico que pretendia tornar o Rio de Janeiro a "Paris Tropical", um novo Centro da cidade foi erguido, nos moldes das construções europeias. Chegavam então, ao Rio, as galerias – sequências de estabelecimentos comerciais enfileirados sob edifícios residenciais ou não, ligando ruas paralelas. Poucas resistiram aos modismos imobiliários que derrubaram prédios de importante valor histórico. Mas as galerias preservadas, a exemplo da Menescal, em Copacabana, estão aí mesmo, para que se visite o passado glorioso sem tirar os pés do presente.**

As primeiras galerias surgiram nos países europeus para acomodar o comércio em locais que pouco interferissem no trânsito. Desde a Antiguidade, as atividades comerciais eram relevantes na vida social da população urbana. O fenômeno se acentuou na Idade Média, quando a chegada de produtos do campo na cidade era motivo para feiras com apresentações artísticas.

"As galerias surgem no momento em que comprar artigos já se tornara uma atividade corriqueira nas grandes cidades. Ir às compras passou a ser atividade quase diária. Algumas dessas galerias são verdadeiras ruas cobertas por estruturas em vidro, como a Vittorio Ema-

Augusto Malta/Acervo Light

Hotel Avenida, 1911

ÓTICAS DO POVO
VIA CURTUME
TUDO ATÉ R$ 69,90
contém 1g

nuelle, em Milão. Outras guardavam aquela característica comum no mundo inteiro de abrir uma loja no térreo e fazer a residência da família do comerciante no segundo andar. No Rio, foi um pouco diferente, já que elas só entraram aqui quase dois séculos depois de serem instaladas na Europa", explica a arquiteta Elizabete Martins, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Uma das primeiras galerias cariocas, a Cruzeiro, ficava na avenida Central (atual Rio Branco), e tinha, além de restaurantes, cafés e lojas no térreo, uma estação de bondes. Em cima, os 220 apartamentos do Hotel Avenida, um dos mais movimentados pontos da cidade. Inaugurado em 1910, o Hotel ocupava a área onde hoje está o Edifício Avenida Central, e oferecia confortos ainda raros para seus hóspedes, como luz elétrica em todos os quartos e elevadores, fornecida pela Light, que foi responsável pela conclusão da construção do prédio.

A Galeria Cruzeiro foi assim chamada devido às duas passagens de bondes em formato de cruz, no térreo. Um de seus mais frequentados bares era o da cervejaria Brahma, conhecido informalmente como "Ao Franzisbnaner", nome da cerveja mais popular de então. Demolido em 1957, o Hotel Avenida deu lugar ao Edifício Avenida Central, o primeiro prédio de estrutura metálica da cidade. No subsolo e nos três primeiros andares foram abertas diversas lojas, que, embora sem o glamour do passado, tornaram-se importantes no fornecimento de material de escritório informatizado para todo o Centro do Rio.

A poucos metros do Edifício Avenida Central está a Galeria dos Empregados no Comércio, que liga a avenida Rio Branco à rua Gonçalves Dias. O edifício de 15 andares, construído em 1939, pertence à Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, fundada em 1880. No interior, há lojas no térreo e um mezanino com balaustrada em bronze. "Essa é uma das galerias que está dentro do conceito de cidade horizontal, cujo morador percorre a pé. Ou seja, ele entra na galeria para chegar à outra rua e aproveita para comprar alguma coisa. Continua integrado à cidade, diferente de quem está confinado no shopping center, que bloqueia o contato com o exterior", diz Elizabeth Martins.

# As Galerias dos Menescais

Tombada em 2007 pelo Patrimônio Municipal, a Galeria Menescal, que liga a avenida Nossa Senhora de Copacabana à rua Barata Ribeiro, tem uma garagem com proteção reforçada para funcionar como um abrigo antiaéreo. Idealizada pelo arquiteto Humberto Menescal em 1946 em estilo eclético, mesclado ao art-déco, a Galeria tem piso em mosaico e abusa do mármore no imenso e largo corredor. O edifício acima é misto, com apartamentos residenciais e unidades comerciais, boa parte delas ocupadas por consultórios médicos.

No prédio morou o compositor Roberto Menescal, que, com a cantora Wanda Sá e o grupo vocal BeBossa, está lançando "A Galeria do Menescal", CD que traz o repertório de um espetáculo que comemorou o meio-século de *O Barquinho*, uma das mais emblemáticas canções da Bossa Nova. O título foi uma referência à pergunta que Roberto Menescal ouviu por boa parte de sua vida – se ele tinha algum "parentesco com a galeria", projetada por seu tio Humberto. Da mesma forma que a galeria abriga lojas comerciais requintadas e variadas, o álbum junta clássicos como *O Barquinho*, *Vagamente*, *Rio* a composições mais recentes. Tendo apenas violões combinados às vozes, dentro do minimalismo proposto pela Bossa Nova, sem excessos ou artificialismos, o CD remete à luminosidade e ao calor cariocas – peculiaridades que até hoje estão na Galeria Menescal.

# Como é linda a bailarina!

POR MÔNICA SINELLI

**A primeira bailarina do Theatro Municipal do Rio de Janeiro – há 31 anos – abre as cortinas dos palcos por onde brilha, Brasil e mundo afora, e desliza sobre as epifanias de ser a estrela que é. Para desenhar o universo onírico, de emoções em suspensão e gestual impecável, que flutua aos olhos do distinto público, engenha-se seu trabalho à exaustão de corpo, mente e sensibilidade. Sob a bênção dos deuses dos urdimentos, os aplausos e bravos incondicionais de crítica e plateia rarefazem a densidade de um mundo imerso em disciplina e dedicação absolutas.**

Ana Maria Botafogo Gonçalves Fonseca, carioca da Urca, assumiu a assinatura artística com que se sagraria a principal bailarina brasileira ainda aos 12 anos. Sugestão de uma professora para inscrever seu nome num programa de apresentação de balé da academia que frequentava, levada pela mãe, Maria Dulce. Mais tarde, em paralelo às aulas de dança que continuava a fazer, Ana Botafogo chegou a cursar, por breve período, a Faculdade de Letras, pois vislumbrava muito distante o sonho de tornar-se bailarina. Até que, aos 18 anos, surgiu a oportunidade de morar uma temporada em Paris.

"Fui estudar francês e, obviamente, aperfeiçoar-me no balé. Em dois meses, passei num teste para uma companhia contemporânea em Marseille, no sul do país, do coreógrafo Roland Petit. Aí, tudo mudou. Na primeira semana, tive a certeza de que aquela era a vida que queria para mim. Como eu desejava integrar uma companhia essencialmente clássica, um ano depois migrei para uma escola inglesa, que estava em formação, só com repertório nesse estilo. Lá, não consegui visto de trabalho. Estudei por seis meses e regressei ao Brasil, decidida a entrar no Theatro Municipal, que, entretanto, estava fechado para obras. Recebi, então, convite para fazer minha primeira protagonista — e assinar o primeiro contrato profissional no Brasil — no Balé Guaíra, de Curitiba, no qual permaneci por dois anos", relata.

ana bo

Ana com Marcelo Misailidis em "A viúva alegre"

Na volta ao Rio, no final de 1979, ela atuou na Associação de Balé do Rio de Janeiro, dirigida por Dalal Aschar.

"Em 1981, fiz um teste para solista do Municipal, mas a banca achou que eu já poderia ser uma jovem primeira bailarina. A estreia foi com Copélia, e considero esse um momento impactante, porque, aos 23 anos de idade, estava realizando um sonho que julgava impossível — e que alcançou uma ótima repercussão na imprensa. Outra lembrança marcante foi quando dancei, tempos depois, esse mesmo balé em Termas de Caracala, na Itália, ao lado do americano Fernando Bujones, diante da intensa emoção proporcionada por atuar num cenário natural tão lindo."

Por falar em *partner* — Bujones foi um dos maiores de Ana Botafogo, por mais de 20 anos, além de nomes como Julio Bocca, David Wall, Alexander Godunov, Jean-Yves Lormeau, Tetsuya Kumakawa e Yuri Klevtsov. Ela acentua a necessidade de o parceiro, além de dominar a técnica de conduzir a bailarina, entender o que chama

Com Francisco Timbó em "O quebra-nozes"

Com Carlinhos de Jesus

de "interpretação de almas" entre ambos. "Ainda que não haja tempo disponível a um entrosamento ideal, essa sinergia é fundamental para que a história a ser contada se revele verdadeira ao público", sublinha.

**Relax: só a bailarina que não tem**

A busca obstinada pela perfeição esconde bastidores que em nada remetem ao quimérico mundo encantado das sapatilhas criado por Chico Buarque na *Ciranda da bailarina*, onde paira uma criatura etérea e acima das mazelas inerentes aos reles mortais.

"A imagem por trás da perfeição é que perfeição não há, estamos sempre em seu encalço. A bailarina é um ser normal, com muitas falhas, e não aquele mito intocável, a quem nada atinge no faz de conta da música do Chico. Por trás da excelência técnica exibida por nós, desdobram-se ensaios exaustivos. Disciplina, renúncia e determinação devem presidir a vida da bailarina. Ainda hoje, com 35 anos de carreira, faço minha aula de balé diária. A pessoa que executa seis horas de exercício, cotidianamente, se deixar de fazê-lo por dois dias, a musculatura acusa de pronto. Mas, na verdade, não posso dizer que me ressinta de ter aberto mão de nada, já que sou tão feliz por haver abraçado exatamente o que eu queria", reconhece, à luz da estrada luminosa.

A vocação irrefreável a manteve de pé, inclusive em situações extraordinariamente duras, como a perda dos dois maridos.

"O balé exige concentração integral no trabalho do próprio físico. Se eu quisesse ter ficado embaixo das cobertas, sairia de forma e não poderia atuar. E a dança, além de me dar prazer, constitui meu meio de vida. Precisei superar momentos bem difíceis, porque se tratava da minha profissão, meu dia a dia, em jogo. E a prática de uma companhia é saber ceder, agir em coletividade.

Mesmo com uma parte natural de disputa — que funciona até como emulação —, há cooperação entre nós e recebi o apoio dos colegas."

**Bodas de coral**

Para celebrar 35 anos de uma carreira consagrada em todos os grandes clássicos — como *Dom Quixote*, *Giselle*, *O Corsário*, *O Quebra-Nozes*, *O Lago dos Cisnes*, *Romeu e Julieta*, entre tantos outros que protagonizou —, Ana Botafogo escolheu levar ao palco, em outubro de 2011, *Marguerite e Armand*, versão de *A Dama das Camélias*, de Alexandre Dumas. "Além de ser um título que eu ainda não havia encenado, achei que deveria fazer um balé que valorizasse a interpretação e em que pudesse mostrar um pouco da maturidade e experiência adquiridas ao

Para celebrar 35 anos de uma carreira consagrada em todos os grandes clássicos, Ana Botafogo escolheu levar ao palco, em outubro de 2011, *Marguerite e Armand*, versão de *A Dama das Camélias*, de Alexandre Dumas

longo do tempo. Essa é uma peça concisa, em 35 minutos, coreografada por Frederick Aston para Margot Fonteyn — a única até então a dançá-la, em 1967, na história do Municipal — e Rudolf Nureyev, um casal emblemático do século XX. Realizei poucas apresentações, com o principal bailarino do teatro argentino Colón no papel de Armand e música original de Liszt, em apenas três cidades — Curitiba, como um resgate da minha

"Se pudesse, estaria sempre assistindo a musicais, minha paixão, ainda mais agora que temos, no Rio, espetáculos da maior qualidade"

iniciação profissional, Rio e São Paulo. Penso em retomá-lo no segundo semestre para encerrar essa comemoração."

Em agosto, ela reincorporará — após um intervalo de seis anos, no templo da dança na Cinelândia — Tatiana, em Onegin, baseado no poema do russo Alexander Pushkin, com a música de Tchaikovsky executada pela Orquestra Sinfônica do teatro. "Com esse balé em três atos, que envolve o corpo de baile inteiro e pede uma bailarina mais madura, e as últimas apresentações de *Marguerite e Armand* — ambos falando de amores impossíveis — darei um bonito laço na minha história dos grandes clássicos no Municipal", anuncia.

### Balé na neve

O caso de amor, este plenamente bem-sucedido, com as sapatilhas caminha rumo a um final para lá de feliz. "Não estabeleci uma data, mas, quero parar bem, fisicamente. Mesmo em forma, ágil, a máquina sofre o desgaste de anos a fio se exercitando ininterruptamente, cansada, não cansada, com dor, sem dor. Isso macera o corpo da gente — tanto que uma carreira de duas décadas já é considerada de ótimo tamanho. Imagine o meu, trabalhando intensamente a vida toda."

No momento, Ana se dedica a dois projetos. O primeiro, a retomada de Isto é Brasil, um espetáculo popular de ritmos brasileiros — ela, que já desfilou na Avenida Marquês de Sapucaí sambando na ponta do pé —, montado com Carlinhos de Jesus, na reinauguração em abril do célebre Teatro Tereza Rachel, em Copacabana. E, também, agendado para o mesmo mês, Seis Suítes de Bach, com o violoncelista grego Dimos Goudaroulis, em coreografia do argentino Luis Arrieta, no Teatro Alfa, em São Paulo.

Em 2013, está previsto o lançamento de sua biografia, organizada pelo pai, o cirurgião geral Ernani Ernesto Fonseca, que havia sido curador de uma exposição, iniciada há alguns anos, retratando a trajetória de sucesso da filha ilustre, por meio de registros publicados na imprensa. "Essa mostra foi se ampliando e já conta com mais de 200 painéis, tendo rodado algumas capitais. Só o amor de pai conseguiria catalogar malas e malas que eu guardava repletas de recortes dispersos. Hoje, tenho tudo extremamente organizado. A partir disso, veio a ideia de ele contar a minha história, com fotografias, documentos e referências colhidas na mídia", adianta.

Há 17 anos moradora da Avenida Rui Barbosa, com vista para o bucólico Parque do Flamengo, a diva desmente a lenda de que bailarina vive à base de chá e alface. "Alface, só dentro do hambúrguer", brinca ela, que diz adorar comer e até se arrisca na cozinha para preparar uma mousse de hortelã. Os poucos momentos de lazer são preenchidos por idas ao cinema e ao teatro. "Se pudesse, estaria sempre assistindo a musicais, minha paixão, ainda mais agora que temos direto no Rio espetáculos da maior qualidade."

Os planos para quando os rigores impostos ao corpo não forem mais tão implacáveis para a Embaixatriz da Cidade do Rio de Janeiro — entre tantas outras comendas que recebeu no Brasil e no exterior, como a francesa Chevalier De L'Ordre des Arts et des Lettres — incluem uma primeira extravagância: esquiar na neve. "Sempre quis aprender, porém, nunca tive coragem, porque não podia colocar em risco meu instrumento de trabalho. Logo que, realmente, parar de atuar, tentarei concretizar esse desejo. Mas vou estar sempre envolvida com a dança, por meio da montagem de um instituto, pelo qual poderei ajudar a formar e a construir os sonhos de novas gerações de bailarinos." Agraciadíssimos futuros alunos, todo o carinho do mundo com a sublime e divina mestra.

# Uma câmera na mão, muitas ideias na cabeça

POR KELLY NASCIMENTO

**Se a história do cinema brasileiro fosse um livro, Roberto Farias seria um capítulo inteiro. Diretor, produtor, distribuidor, articulador de políticas setoriais para desenvolver o audiovisual brasileiro, Roberto é uma das mentes criativas do cinema made in Brazil. Do alto dos seus 80 anos, a produção não para. Depois de um longo inverno, ele tem no forno dois novos filmes.**

Da chanchada ao Cinema Novo, da Embrafilme à retomada, Roberto Farias ocupa múltiplos lugares no cinema brasileiro. Sua versatilidade é explicitada por trabalhos como *Rico ri à toa* (1957), sua estreia na direção, pela comédia *Os Trapalhões no Auto da Compadecida* (1988), ou pelo clássico *Assalto ao trem pagador* (1962).

O cinema entrou na vida de Roberto Farias ainda na mais tenra infância, na sua cidade natal, Nova Friburgo. Frequentava sessões ainda bebê, ao lado da mãe. Irmão do ator Reginaldo Faria e pai de três cineastas — Mauro, Lui e Mauricio —, Roberto não acha que cinema esteja no DNA da família. "Meu pai era açougueiro. Minha mãe, dona de casa que gostava de cinema. Costumávamos contar os filmes que víamos um para o outro. Certamente essa relação teve um peso muito grande. Ela me levava ao cinema quando eu era ainda bebê", recorda.

Sua trajetória na sétima arte começou na Atlântida, logo após cursar Belas Artes. Começou logo como assistente de direção em *Maior que o ódio*, de José Carlos Burle (1950). Na Atlântida, se especializou em chanchada com os mestres do gênero.

Dez assistências de direção depois, ele estrearia na direção de *Rico ri à toa*.Três anos mais tarde, se aventuraria em outro gênero, o policial, em *Cidade ameaçada*. Vieram os primeiros prêmios. Foi um presságio do que estaria por vir com

DON'T
think g
near T

o memorável thriller *Assalto ao trem pagador*, quando inscreveu definitivamente seu nome no hall da fama do cinema brasileiro, alcançando sucesso de público, crítica e festivais. Ainda na década de 60, esteve envolvido na criação de sua própria distribuidora — a R.F. Farias, além da Difilm e da Ipanema Filmes.

Outro momento marcante em sua trajetória envolveu ninguém menos que o Rei da Jovem Guarda, que o inspirou para uma trilogia de filmes super populares: *Roberto Carlos em ritmo de aventura* (1968); *Roberto Carlos e o diamante cor de rosa* (1970) e *Roberto Carlos a 300 km por hora* (1971). E atraiu nada menos que 9,5 milhões de espectadores com a empreitada. Concluiria o ciclo com *O fabuloso Fittipaldi* (1973), em parceria com Hector Babenco.

Em busca de novos desafios, dedicou-se à tarefa de pensar a estrutura da indústria cinematográfica brasileira. Ocupou a presidência do Sindicato Nacional da Indústria Cinematográfica. Em seguida, fez história como o primeiro cineasta a dirigir a Embrafilme, no período de 1974 a 1979, logo depois de Celso Amorim e Ricardo Cravo Albin. Sua gestão foi pautada pela instituição de novos critérios para análise de custos e abertura de acesso de novos realizadores aos financiamentos.

Em 1981, voltava à direção. Com *Pra frente Brasil*, o cinema brasileiro abordou pela primeira vez, de forma explícita, a tortura na ditadura militar. A obra foi premiada nos festivais de Berlim e Huelva. Eclético, quatro anos depois estava dirigindo a comédia *Os Trapalhões no Auto da Compadecida*.

E resolveu dedicar-se à televisão, dirigindo diversas séries. Hoje, 25 anos depois, foi picado novamente pela mosca azul do cinema. E volta a filmar com o apoio do Fundo Setorial Audiovisual. Farias começa a se preparar para dar vida ao longa *Entre o céu e a terra*, a história de um garoto que mora próximo a uma base aérea e que sonha em voar. "*Entre o céu e a Terra* está esquentando motores. Ainda não tenho data para começar. Mas o filme é um desdobramento de episódio de mesmo nome que foi ao ar no Programa Brava Gente, em 2002. A narrativa conta a história de um menino que mora próximo a uma base aérea militar e é apaixonado por aviões e helicópteros. O garotinho fica amigo de um piloto que lhe conta histórias incríveis, até que a criança descobre que o seu grande amigo é, na verdade, um fantasma", adianta o cineasta.

Outro projeto que ele tem em vista é sobre a morte de Jango, uma adaptação do livro de Fernando Moraes. *Jango* é uma história complexa, com muita informação. Ainda estou trabalhando no roteiro, mas sua história é fascinante. O primeiro presidente brasileiro que morreu no exílio", diz. Na fila de produção está também *O anjo do meu marido*, uma adaptação da peça de Théo Drummond.

Quando para e olha para trás, vê diferença entre o cinema feito no início de sua carreira e o de hoje. "Fazíamos cinema para um público de 40 milhões de habitantes. Certos filmes chegavam a ser vistos pela metade da população. Não havia televisão e a diversão do povo era futebol e cinema", compara.

Depois de dez filmes, seis minisséries e 14 premiações no currículo, acredita que o melhor ainda está por vir. "O artista quer sempre mais, não se conforma com o que alcançou", dá a deixa. Esse mais, por enquanto, vem em forma de exposição no Centro Cultural Banco do Brasil. Um mimo para não deixar os 80 anos de Roberto passarem em branco.

# Se eu quiser falar com Deus

poesia

**Gilberto Gil**

ensaio fotográfico de

**Marcelo Carnaval**



* interiores de igrejas do Rio

Tenho que ficar a sós / Tenho que apagar a luz

Tenho que calar a voz / Tenho que encontrar a paz

Tenho que folgar os nós / Dos sapatos, da gravata

Dos desejos, dos receios / Tenho que esquecer a data

Tenho que perder a conta / Tenho que ter mãos vazias

Ter a alma e o corpo nus / Se eu quiser falar com Deus

Tenho que aceitar a dor / Tenho que comer o pão

Tenho que subir aos céus / Sem cordas pra segurar

Dar as costas, caminhar / Decidido, pela estrada

Que ao findar vai dar em nada / Do que eu pensava encontrar

# O sabor dos anos dourados

por **vera de souza**

Para os não iniciados em milk-shake de chocolate com ameixa, waffles com chantily mais leve do que espuma e um certo sundae chamado banana split, recomendamos um pedacinho do céu. Há exatos 55 anos, a confeitaria e restaurante Cirandinha, localizada no coração de Copacabana, serve lanches inigualáveis. Eles nos remetem a um tempo em que a trilha sonora era cantada por Celly Campelo, e brotinhos de penteado "rabo de cavalo", calçando meia soquete e sapatinho boneca, ocupavam quase todas as mesas. A dica para quem não conhece, portanto, é esquecer a fobia de carboidratos, enfiar o pé nas guloseimas e agradecer a Deus pelo presente. Roquenrou, bebê!

Há 27 anos no comando da casa, Milton Maciel e José Dias Barros, procuram manter a tradição. "Tanto a confeitaria como o restaurante estão sempre cheios. O público, em sua maioria, é o mesmo, moradores de Copacabana que continuam fiéis", conta Maciel.

Na entrada, o balcão, onde se come de pé, apresenta os salgados, como as famosas coxinhas de frango creme, os risólis de camarão, as empadinhas de palmito e frango, os pães de queijo, pizzas em fatias e os docinhos, como os cajuzinhos e brigadeiros, que enchem os olhos de quem passa. É um convite a um lanche, ou, como se dizia na época de sua inauguração, uma merenda rápida, regada a muito guaraná ou um refresco geladíssimo.

**A pedida são os generosos sanduíches, os waffles, os milk-shakes, os sundaes e tradicional banana split que encantou gerações**

Andando mais um pouco, chegamos ao segundo ambiente, com um balcão e bancos estofados, no estilo das lanchonetes dos anos 1950. Lá a pedida são os generosos sanduíches, os waffles, os milk-shakes, os sundaes, e a tradicional banana split que encantou gerações. Para os que preferem um chá, a casa também o oferece, acompanhado de torradas Petrópolis ou de biscoitinhos. "O mais pedido continua sendo o waffle com mel", revela Maciel.

O terceiro e último ambiente, o do restaurante, guarda os pratos de sustança, de uma cozinha tradicional meio desaparecida, resultado de uma nova forma de se alimentar que incorporamos nos últimos anos, escolhendo pratos mais leves e frugais. Mas, vez ou outra, há que se fazer um parênteses, e uma boa e tradicional feijoada, servida aos sábados na Cirandinha, irá agradar até os paladares mais exigentes. "O prato, como os demais do cardápio, dá para duas pessoas e vem acompanhado de aperitivo", conta Maciel. Pode-se ainda escolher o rosbife com salada russa, um linguado à belle meunière, um frango com arroz à grega, um medalhão com arroz à piamontese. Mas o que ainda reina absoluto é o camarão à cirandinha. Pratos fartos e garçons cordiais fazem da casa um oásis na caótica avenida Nossa Senhora de Copacabana, como se a cidade ainda vivesse os anos dourados.

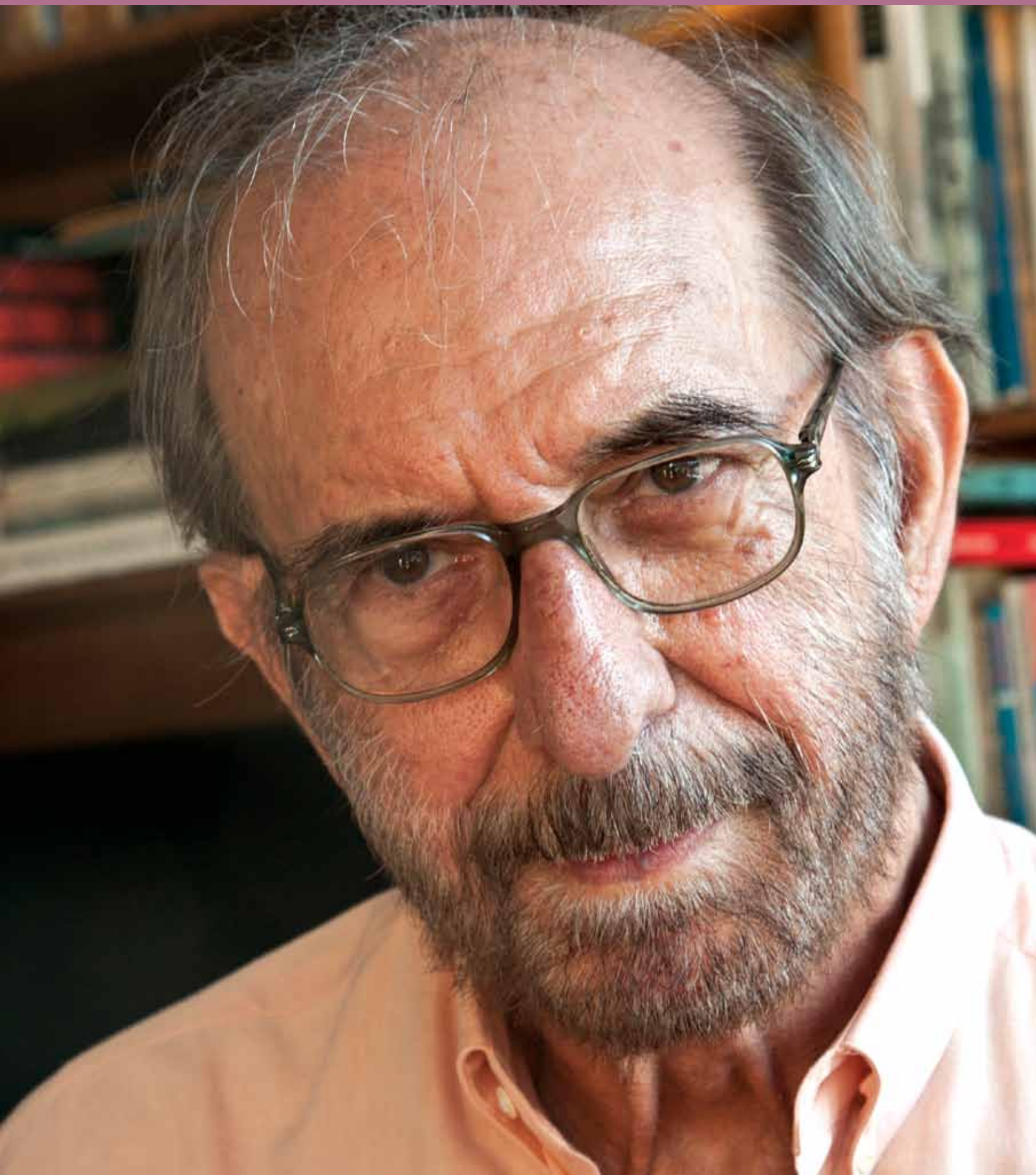
# Relicário de notícias

POR MÔNICA SINELLI

**15 de junho de 1901. O país inaugurava uma nova era, com as recentes abolição da escravatura e proclamação da República. No Rio de Janeiro, o *Correio da Manhã* abria suas portas à rua do Ouvidor, para tornar-se o jornal mais poderoso de uma época. A história desse marcante veículo, que foi agonizando em praça pública a partir da decretação do AI-5 até o último e melancólico suspiro, em 1974, será contada em detalhes pelo olhar de um de seus principais personagens, o jornalista Fuad Atala, no livro *Réquiem para um leão indomado*.**

O mato-grossense de Três Lagoas que desembarcou sozinho na Cidade Maravilhosa, em 1953, aos 18 anos, para estudar Medicina, não imaginava que assumiria o papel de um dos protagonistas das trepidantes peças encenadas no palco de um *Correio da Manhã* já entrado na meia-idade, mas vigoroso como sempre. Filho do comerciante Elias Atala, que veio ainda menino com a família da antiga Palestina para o Brasil, e de Zaíra Jorge Atala ("do lar"), já nascida aqui, o rapaz, não sendo aprovado no Vestibular na área médica, tentou um segundo, em Ciências Biológicas, na atual Uerj. Como morava na praça da Cruz Vermelha, no Centro, e fazia refeições numa pensão da avenida Mem de Sá, nas proximidades, passava a pé, todos os dias, em frente à sede do *Correio* — já na Gomes Freire, 471, onde permaneceria até o fim. Nunca esquecera do cheiro do jornalzinho rodado em mimeógrafos dos tempos de colégio. Começa a comprar e ler a publicação incendiária. Com somente três meses em terras cariocas, sente a necessidade de arranjar um emprego, para não onerar a mãe, já viúva, que lhe enviava uma mesada.

"Imagine — relembra Fuad — o deslumbramento de um capiau, que nunca tinha viajado a uma cidade grande, ao, de repente, desabar no Rio. Evidentemente, encantei-me pela cidade e por sua história. Um dia, criei coragem e entrei



no prédio do *Correio*. Fui até o gerente e disse que queria trabalhar como revisor, uma forma de ingressar ali. Acabei ficando, para aprender a metodologia. Simultaneamente, concluí o curso de Ciências e, depois, passei a repórter de Polícia, quando o chefe de redação era Antônio Callado." Feliz do veículo que, além do autor de *Quarup*, ostentasse em seus quadros nomes como Graciliano Ramos e Aurélio Buarque de Holanda (na revisão); o poeta Drummond (que assinava uma coluna, singelamente, como C.D.A., suas iniciais); e até Clarice Lispector, dando dicas relacionadas à família e ao lar para o universo feminino, sob o pseudônimo de Helen Palmer.

### assinaturas movidas a burro

Antes de prosseguir na linha do tempo, Fuad rebobina o rolo da história do *Correio da Manhã*, desde a fundação, que comporá seu livro *Réquiem para um leão indomado*, o qual deverá concluir até o final do ano. "Na virada do século XX, ainda havia resquícios do período monárquico. A imprensa — *Jornal do Commercio*, *Jornal do Brasil*, *Gazeta de Notícias*, *O País* — era toda chapa branca, subsidiada pelo governo. O povo estava meio cansado daquele jornalismo. E o *Correio* veio inovar, não tanto pela parte gráfica, mas por sua opinião política, em franca oposição aos demandos de poder de um modo geral. Fez um sucesso estrondoso desde as primeiras semanas, atraindo cada vez mais anunciantes de porte, como a Casa Edison, a primeira fábrica de discos do Brasil. Depois, aumentou a distribuição também por meio de assinaturas, utilizando carroças e bondes puxados a burro", reconstitui.

A gênese da criatura indomesticável remonta à falência de *A Imprensa*, pertencente a Ruy Barbosa, quando o ex-secretário do jornal e advogado da banca do "Águia de Haia", Edmundo Bittencourt, adquire seu espólio à rua do Ouvidor, 117. "Ruy — prossegue Fuad —, que havia sido ministro da Fazenda no governo provisório do marechal Deodoro, já tinha um posicionamento contrário ao presidente Cam-

Almoço a bordo do porta-aviões *Minas Gerais* em fevereiro de 1962 (Fuad de gravata listrada e óculos) com a condessa Pereira Carneiro

**"Na virada do século XX, ainda havia resquícios do período monárquico. A imprensa – *Jornal do Commercio, Jornal do Brasil, Gazeta de Notícias, O País* – era toda chapa branca, subsidiada pelo governo"**

pos Salles. E o *Correio* vem com a proposta de ser a favor das causas populares. Sempre recusou qualquer aproximação com as verbas oficiais. Essa oposição, muitas vezes, dava-se de maneira virulenta. Porém, só eventualmente o jornal — que chegou a chamar Campos Salles de 'presidente contrabandista' — foi processado por injúria".

### Faroeste caboclo

Uma das mais contundentes críticas do então novo *publisher* do Rio se direcionava a Pinheiro Machado, uma espécie de Richelieu da política brasileira, na definição de Fuad. "O senador, considerado 'o mandarim da República', foi figura proeminente não só no governo Campos Salles, como nos de Rodrigues Alves e de Hermes da Fonseca. Controlava todo o Congresso, tinha uma ascendência enorme naqueles conchavos de coronelato e conluios do Estado com os partidos. Por causa disso, Edmundo, um destravado, sem papas na língua, o combatia, ferozmente. Em sucessivos artigos publicados ainda no ano da fundação do jornal, destapa de seu repertório as primeiras flechas cheias de veneno contra o desafeto. Sob o título 'O general Pinheiro Machado', escreve: Não sou da sua manalha, mas conheço-lhe os sestros e o feitio. O general Pinheiro Machado é o que se pode chamar 'um bronze artístico'. Face bruna, bastas melenas pretas, sobrecenho carregado. Ar solene e grave. Palavra tardia, arrastada, ocultando a esterilidade, a ausência absoluta de ideias, sob uma larga aparência de meditação. Quis com muito jeito arranjar para sua pessoa a compostura de uma estátua, mas deu um bronze artístico, desses cuja barriga serve para engastar o mostrador de um relógio."

Cansado de tantos ataques, anos a fio, o senador desafiou o jornalista para um duelo a bala. A convocação para o faroeste caboclo foi entregue a Edmundo Bittencourt no dia 22 de maio de 1906, pelas mãos dos emissários de Pinheiro Machado, o senador Ramiro Barcelos e o então coronel Hermes da Fonseca, futuro presidente da República. Desafio aceito, a contenda ocorreu no dia seguinte, em sigilo, no areal deserto da praia de Ipanema, testemunhado apenas pelos respectivos padrinhos, Barcelos

**"O senador Pinheiro Machado controlava todo o Congresso, tinha uma ascendência enorme naqueles conchavos de coronelato e conluios do Estado com os partidos"**

Na Bahia

e Hermes, do desafiante, e Vicente Piragibe, redator, e Ormindo Pimentel, repórter, ambos do *Correio*, pelo desafiado. Combinou-se que os combatentes se postariam a 30 passos de costas um para o outro. À voz de comando, os dois se defrontaram, engatilhando as pistolas. A arma de Edmundo engasgou e Machado, exímio atirador, ao notar a falha, descarregou para o alto. Deu-se por satisfeito e perguntou a Edmundo: "E agora, como agir?" Ao que o jornalista respondeu: "Sendo V. Exa. um senador da República de prestígio e eu, um jornalista político, o resultado não satisfaz." Acertaram então uma nova bravata. Na segunda troca de balas, Edmundo errou o alvo e Pinheiro Machado o atingiu, precisamente, mas sem maior gravidade, na fossa ilíaca externa.

E não só de inimigos públicos federais vivia o também digladiador Edmundo. Sua lança afiada alcançava, praticamente, toda a imprensa carioca, em especial o proprietário do *Jornal do Commercio*, José Carlos Rodrigues, o português João Lage, de *O País*, e Alcindo Guanabara, de *A Notícia*, uma estrela no meio. A ponto de o próprio escritor Lima Barreto — que registrara passagem pelo *Correio*, impressionando-se com a onipresença de seu patrão e a subserviência da maior parte da redação, rendida à imponente figura — publicar *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, um *roman à clef*. Lima se sentia discriminado por ser mulato e não obtinha sucesso com seus livros. Magoado, escreveu uma paródia, retratando o clima interno do jornal, baseado em personagens reais encobertos por nomes fictícios. Mais tarde, os biógrafos Francisco Barbosa e Gondim da Fonseca decifraram as chaves e identificaram quem era quem naquele romance, dando nome aos bois.

A chamada "ortografia da casa", mais que uma simples questão de regra gramatical, abrangia aspectos subjetivos como simpatia e discórdia. A lista negra incluía, entre outros, Lima Barreto, Gondim, o jornalista e político Jackson de Figueiredo e o presidente Arthur

Na redação, com o crítico de teatro Van Jafa

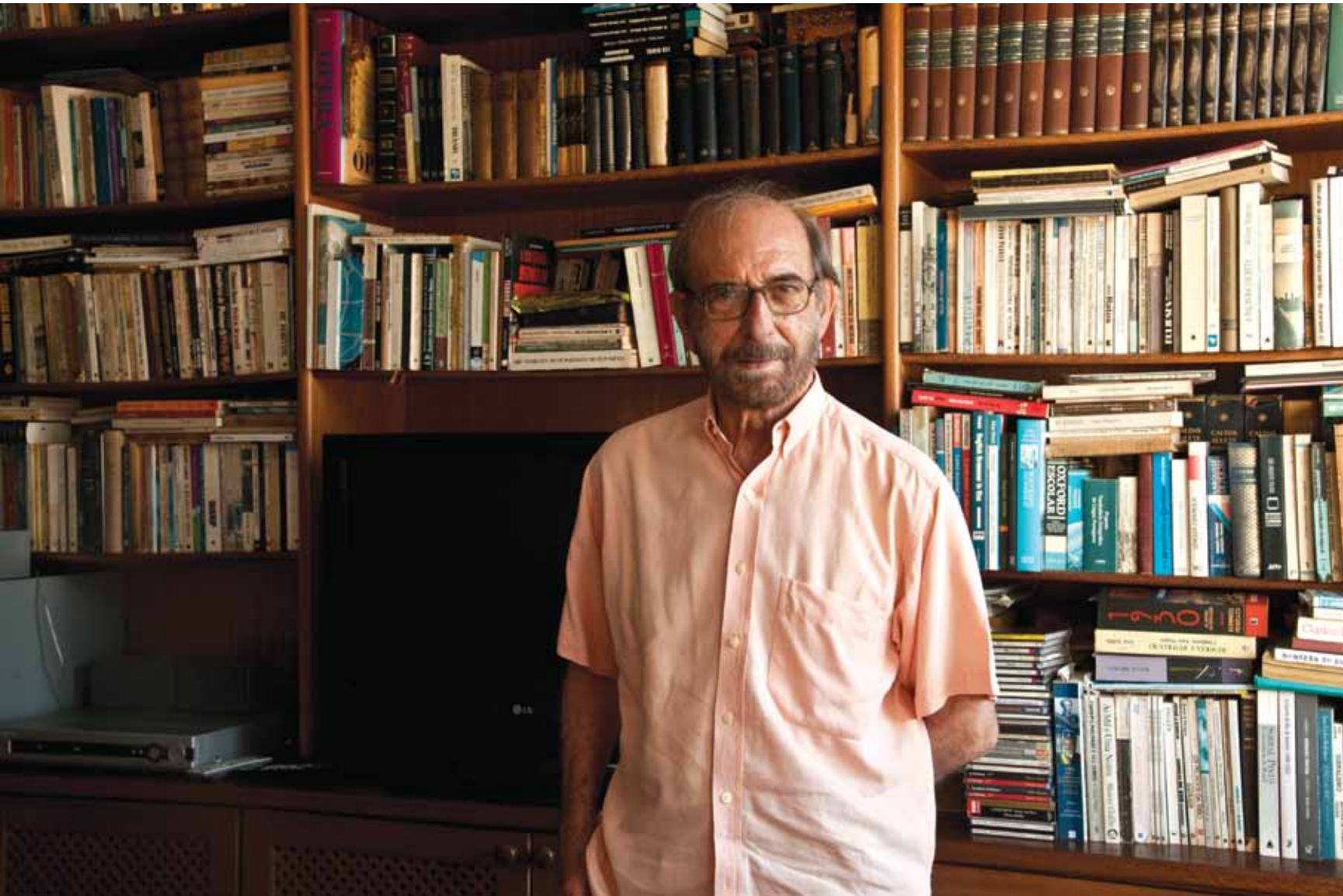
Almoço no restaurante do *Correio da Manhã* - janeiro 1962 - Luiz Alberto Bahia, reitor Pedro Calmon de Sá, ministro da Educação Oliveira Brito, Paulo Filho, reitor padre Alonso e Fuad (gravata preta e óculos)

Bernardes. Este, ao retornar de uma viagem ao exterior após deixar o cargo, foi saudado com a manchete, em letras garrafais: "A volta do réprobo."

### Guerra à corrupção

O fato é que o *Correio*, ao consolidar sua penetração nacional, teve participação importante durante toda a República Velha nas denúncias contra os votos de cabresto e a corrupção — essa senhora ancestral. "Edmundo combateu, tenazmente, escandalosos contratos de licitação de construção de estradas de ferro e de concessão de obras de todo tipo, sempre envolvendo mutretas. Uma de suas maiores brigas foi a Campanha Civilista de 1910, quando apoiou, ostensivamente, a candidatura de Ruy Barbosa contra Hermes da Fonseca. O governo nunca perdia eleição, como, de fato, venceu mais uma vez. Contudo, ficou provado que havia fraude eleitoral — e de forma descarada. Foi um veículo antipatizado, mas bastante popular perante o público", acentua Fuad.

No ano da graça de 1928, Edmundo passa o *Correio* para o filho, Paulo Bittencourt, que o dirigiu até falecer, em 1962. À época da renúncia de Jânio Quadros à Presidência da República, Fuad Atala já atuava como repórter de Cidade. Carlos Lacerda, governador do Estado da Guanabara — que comandara a coluna "Da tribuna



da imprensa" no próprio *Correio da Manhã*, de onde saiu para fundar o jornal homônimo —, impôs censura à sua antiga casa. O trato era de que não se interferiria no conteúdo do jornal, mas este seria recolhido, ainda na boca da rotativa, pelo Dops. "Transcorridos quatro dias, frustrados por não ver nas ruas o noticiário quente que apurávamos acerca dos bastidores de Brasília, Carlos Heitor Cony, Aziz Ahmed, Álvaro Mendes e eu colocamos um monte de exemplares no carro do jornal (que, claro, guardava uma parcela para si) e nos dirigimos ao Largo da Carioca. Lá, havia o conhecido 'tabuleiro da baiana', um abrigo destinado aos passageiros dos bondes que vinham pela Cinelândia e faziam o contorno para voltar à Zona Sul. Começamos a distribuir a edição do dia. Quando o pessoal saltava na estação e percebia que se tratava do *Correio*, voava em cima de nós para disputar o seu. Temerosos, nos arrancamos pela rua Almirante Barroso e, na México, fomos interceptados pelo jipe do Dops e encaminhados à Polícia Central. Ninguém nos perguntou nada e, à noite, sem mais nem por quê, nos liberaram. Quando chegamos à redação, foi aquela festa com os outros colegas."

Naquele ano, Fuad ajudaria a criar o suplemento batizado de Segundo Caderno, do qual se tornou secretário. Era o auge do Caderno B, do *Jornal do Brasil* (então dirigido por Jânio de Freitas), e ele havia conseguido um estágio para conhecer por dentro as páginas de cultura que fervilhavam entre os cariocas. "O *Correio*, embora bem feito, não tinha apetência gráfica — meio quadradona. E o material de cultura vinha misturado a notícias de outros setores (ainda não havia a divisão por editorias). Observei por uma semana — inclusive a atuação do grande escultor Amílcar de Castro, chefe da Arte e responsável pelo layout — como se desenvolviam o copy-desk, a diagramação do Caderno B. E levei essas informações para o *Correio* que, muito conservador, não as implementou como deveria. Mas nascia, assim, seu novo suplemento."

### "Basta" e "Fora"

Com a morte de Paulo Bittencourt, assume o controle do jornal — que havia defendido a posse de João Goulart na Presidência deixada por Jânio

**Fuad ajudou a criar o suplemento batizado de Segundo Caderno, do qual se tornou secretário. Era o auge do Caderno B, do *Jornal do Brasil***

O diagramador Bernardo, Edmundo Castro e Fuad

Quadros — sua segunda mulher, Niomar Moniz Sodré. "Houve, em seguida, com os ventos das reformas de base, a percepção de se estar diante de um esquerdismo estranho à tradição democrática brasileira. E o *Correio* começou a combater Jango, duramente, culminando com os explosivos editoriais 'Basta' e 'Fora', publicados nos dias 31 de março e 1º de abril de 1964. O jornal foi acusado, posteriormente, de ter se incorporado ao grupo que pregava o golpe com a derrubada do presidente, o que nunca aconteceu. Postulou a saída de Jango, sim, mas pelas vias constitucionais — *impeachment* ou renúncia. No dia 2, com a ajuda de Lacerda, deflagra-se uma série de prisões de jornalistas e intelectuais ligados a Goulart. Nesse momento, os diretores do *Correio* caem em si e começam a luta contra o que já ficara caracterizado como ditadura." A "ortografia da casa" continuava firme e forte. Naquele ano tenebroso, Fuad, encarregado do Segundo Caderno, receberia um bilhete notificando-o que as matérias, antes de seguirem para a composição gráfica, deveriam receber o visto da diretoria. E, também, sobre os nomes de personalidades que permaneciam impublicáveis.

Os bravos combatentes lutaram até o limite, em meio às medidas de exceção à liberdade. Até que, às vésperas das comemorações de 7 de setembro de 1968, o deputado federal Márcio Moreira Alves, o Marcito, que também fora repórter do *Correio*, proclamou no Congresso o bombástico discurso desafiando o regime autoritário, às vésperas das comemorações de Sete de Setembro. Era o estopim que faltava. Em 13 de dezembro, decreta-se o AI-5. Nesse mesmo dia, o Exército já invade o *Correio* e prende Niomar com os diretores de redação.

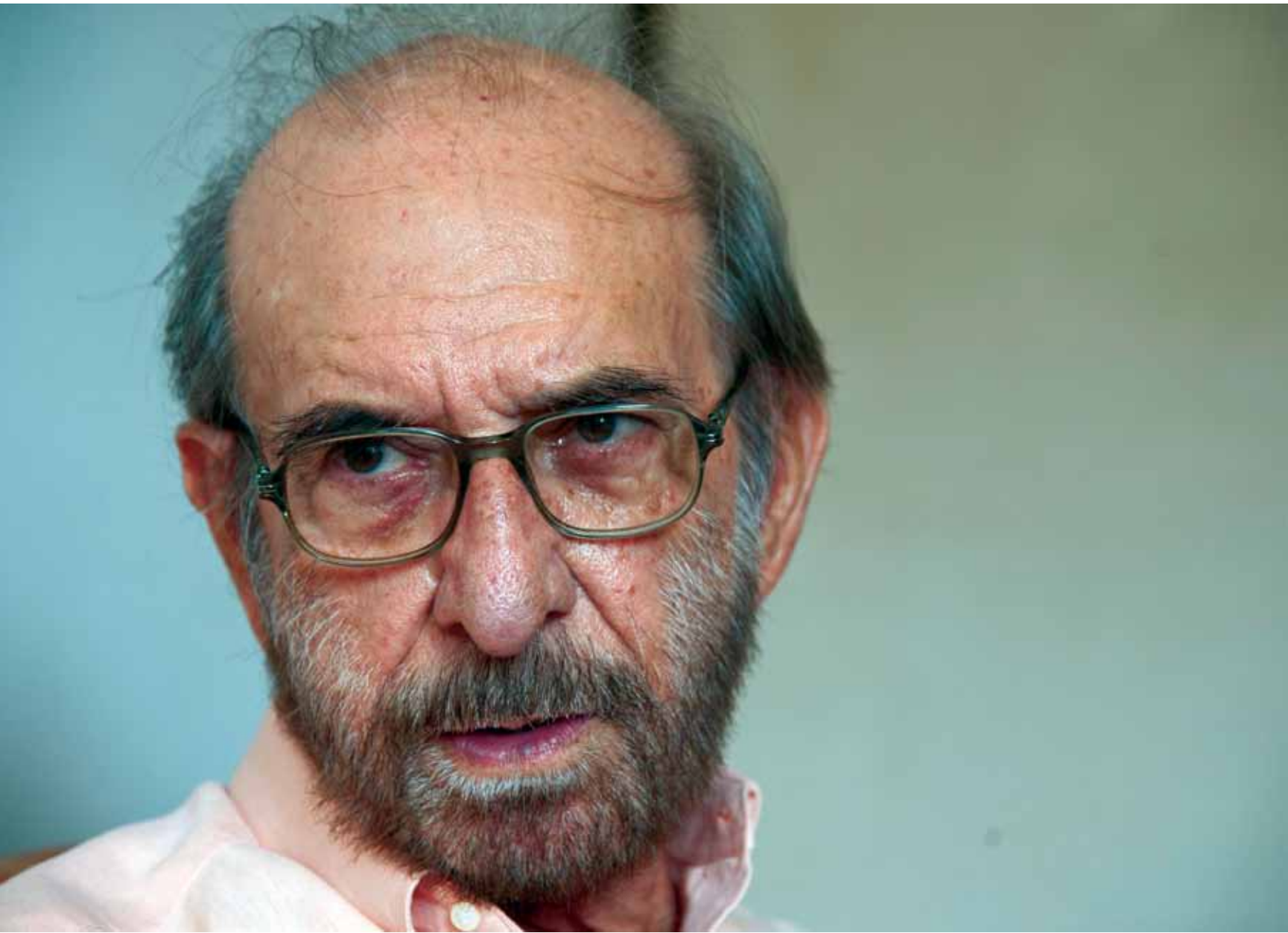
"Ela respondeu a vários inquéritos e, no ano seguinte, sufocada economicamente — porque o cerceamento da ditadura incluía a pressão para que as empresas deixassem de anunciar em suas páginas —, pediu concordata. Entretanto, no decorrer do processo, não teve condições de cumprir os compromissos de pagamentos assumidos. Além disso, naquela época, todo o papel de imprensa era importado — e controlado pelo governo. A Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil (Cacex), que concedia, a pedido dos jornais, o certificado para importação do insumo, negou o mesmo direito ao *Correio*. Da mesma forma, o Banco do Brasil lhe vetou o acesso à operação de Redesconto, que garantia o crédito às publicações como contrapartida ao recebimento de seus débitos. Sem saída, Niomar homologa o arrendamento do jornal para o grupo da Construtora Metropolitana, por um período de cinco anos. O contrato estabelecia que, ao seu término, os novos controladores deveriam devolver o *Correio da Manhã* totalmente saneado, mantendo-se sua postura ideológica e opinativa intocável." Detalhe: sem abrir mão da "ortografia da casa", Niomar fez constar um adendo que proibia o *Correio* de mencionar o nome de Juracy Magalhães, ministro da Justiça do regime militar.

Mas uma série de erros de gerenciamento foi minando a liquidez do *Correio* em novas mãos. Mesmo que, já no dia seguinte, em editorial, os gestores recém-empossados acenassem com uma guinada radical em alinhamento ao governo federal, no propósito de angariar benesses e anúncios, o desgaste bateu no grau máximo. Uma vida inteira de disparos do outro lado do *front* trazia agora a (impagável) conta do inimigo: o velho soldado de tantas frentes de batalha estava ferido de morte. As expectativas dos empresários do grupo não se confirmaram. Acabaram se endividando ainda mais. Em 1974, tentaram devolver o *Correio*, antes do prazo

previsto, a Niomar, que não aceitou a proposta. O jornal estava em condições financeiras piores do que quando ela o entregara e com feições editoriais totalmente desfiguradas. Sem pai nem mãe que o socorressem, o guerreiro, em 8 de julho, tombaria, definitivamente.

### Os habitats do Leão

Parte do acervo das edições do *Correio da Manhã* foi adquirida pelo empresário Fernando Gasparian, que a doou à Universidade Estadual de Campinas (Unicam). Esta, por sua vez, a repassou, recentemente, ao Arquivo Público de São Paulo. "A coleção mais completa, porém, encontra-se na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro — onde a consulto até hoje para a elaboração do livro —, sendo que a fabulosa documentação iconográfica, constituída por mais de 400 mil registros, foi para o Arquivo Nacional do estado. Os jornais estão todos microfilmados. Não se pode nem pesquisar os exemplares impressos, tamanho o grau de deterioração do papel. E, mesmo em microfilme, grande parcela é ilegível."



Hoje, o *Correio da Manhã* resiste no letreiro de sua antiga fachada à avenida Gomes Freire 471, endereço atual do Tribunal Regional do Trabalho da 1ª Região. E, em breve, estará retratado pelas lentes da memória cristalina de Fuad Atala — que, em 1987, criaria o Segundo Caderno do *Globo* —, um botânico formado pelo Museu Nacional e pianista apaixonado por Chopin e Mozart. "Venho escrevendo esse livro há anos e com muita dificuldade, pois não conto com bolsa ou apoio nem para contratar um profissional que me ajude nas pesquisas, a parte mais penosa. Mesmo assim, espero finalizá-lo até o fim do ano".

Deixamos, aqui, um aperitivo para aguçar o paladar dos futuros leitores em torno do extenso cardápio envolvendo uma época fervilhante do Rio de Janeiro:

**No início e no fim do governo Hermes, o país sob o sítio e a censura dos jornais**

*O horror da ilha das Cobras revelado pelo "Correio da Manhã"*

E conforme prometera na ocasião em que fora decretada a censura, o *Correio da Manhã* publicou com riqueza de detalhes os fatos que decorreram do sufocamento sangrento do segundo levante dos marinheiros. Uma história cujos requintes de crueldade chocariam a população do Rio de Janeiro e o país inteiro. Uma história que traria mais uma vez o *Correio da Manhã* para a linha de frente a denunciar todos os horrores cometidos contra os marinheiros sobreviventes daquela triste página da nossa história naval.

À exceção da tripulação do *Rio Grande do Sul*, as guarnições das demais unidades da frota foram levadas de bordo para Villegagnon, o quartel-general do Exército e outros pontos, onde, "com grande espanto de todos, ficaram presos, até segunda ordem..."

Quando veio comunicar ao Estado-Maior que um grupo de marinheiros não queria se entregar, o líder dos rebelados, João Cândido, foi preso porque, na lancha que o trouxe, havia uma carabina. Na masmorra da ilha das Cobras, foi torturado e passou fome, tendo a tudo resistido.

O noticiário do *Correio* narra as cenas de horror passadas nas galerias da ilha que ganham cores fortes nos trechos seminais do livro em preparação *Correio da Manhã — Réquiem para um leão indomado*: "Chegadas as primeiras turmas à ilha da Morte, foram com eles atulhadas todas as masmorras, cubículos e solitárias ali existentes. Atulhadas é bem o termo, pois nas solitárias, feitas para, incomodamente, alojar uma pessoa, eram metidas três e quatro. E, assim, de pé, comprimidos uns contra os outros, sem se poderem virar, ficaram ali centenas de homens, horas e horas, na esperança de que mais tarde os viessem tirar para outras dependências do presídio.

"Os desgraçados, sem ar para respirar, nem água para beber, começaram então a provar tormentos indescritíveis. Transcorreu a primeira noite, o dia nasceu e morreu, uma segunda noite ouviu seus gemidos, e não lhes deram água, e não lhes deram pão. (...) Comprimidos, corpos seminus exalavam uma fedentina acre e repugnante da jaula mal lavada. (...) Caiu por fim a primeira vítima. Matara-a a inanição. Diante disso ainda mais revoltou a multidão dos condenados (...) Houve um momento de alarido na masmorra, os presos forçaram as grades robustas. Despejaram-lhes por cima vários sacos de cal."

# O Rio visto da janela

**Antonio Mello Alvarenga Neto**
**Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura**

Nasci em Belo Horizonte, mas aos três anos cheguei ao Rio, onde fui criado. Passei minha infância e adolescência entre Arpoador e Ipanema. Até hoje, aquele é o meu canto, a minha praia. Quando casei, mudei-me para a Lagoa e depois morei na Garcia D'Ávila. Eram bons lugares, mas não eram o meu canto, para onde retornei, há 14 anos, com minha família. Frequentemente assistimos ao pôr do sol num bar muito agradável, da Francisco Bhering, tendo como trilha o som de um saxofonista que toca lá quase todos os dias.

Assumi a presidência da Sociedade Nacional de Agricultura (SNA) logo após a morte do meu pai, Octavio Mello Alvarenga. Coincidentemente, estava meio aposentado, depois de 20 anos de Ibmec, onde era diretor e sócio. Fui para a SNA como vice-presidente e, alguns meses depois, meu pai ficou doente. Ele morreu em seis meses e eu assumi. Meu pai era advogado e escritor, com mais de 20 livros publicados. Não herdei essa verve. Por conta do lado escritor de meu pai, conheci Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Hélio Pelegrino, Sábato Magaldi, Hélio Jaguaribe, Carlos Drummond de Andrade e muitos outros. Muitos desses escritores eram boêmios e não precisavam tanto de dinheiro. Meu pai era mais convencional. Ele e o Carlos (Drummond) eram mais convencionais, talvez por isso fossem tão amigos. A amizade deles, no entanto, acabou quando o Carlos descobriu que o papai estava namorando a Maria Julieta. Ele sentiu-se traído. Adorava a filha e tinha muitos ciúmes dela. Não queria que o amigo — que ele conhecia tão bem — a namorasse. A mesma coisa já tinha acontecido quando ela namorou o Rubem Braga. Papai e Carlos retomaram a amizade, com algumas sequelas, naturalmente.

Mas voltando à SNA, desde que assumi, tenho tentado fazer lá o que me parece ser o melhor. É uma instituição tradicional que tem 115 anos e cujo foco é o agronegócio e o meio ambiente. Trabalhamos na divulgação e no ensino. Temos duas revistas, uma delas *A Lavoura*, que circula desde a criação da SNA e é reconhecida por muitos como a melhor revista do setor (opinião referendada por Delfim Netto); a outra, *Animal Business Brasil*, é mais recente. É uma publicação bilíngue, com foco em tecnologia e negócios. Já a parte de ensino é praticada no Campus Educacional e Ecológico que temos na Penha, onde mantemos o melhor curso de medicina veterinária do Rio, em parceria com a Universidade Castelo Branco.

A SNA está em dois locais privilegiados do Rio. A sede, no centro, em frente ao aeroporto Santos Dumont, com uma vista fantástica da Baía de Guanabara e o campus, instalado numa área verde com 150 mil m$^2$. É um paraíso.

Nossa principal meta, no momento, é a incursão na área digital. Estamos reformulando nosso site, que será uma ferramenta diferenciada. É a SNA na era digital, moderna e inovadora. Todo esse meu discurso sobre a entidade tem a ver com a preocupação de que o Rio retenha centros de representação, poder e decisão. A SNA tem raízes nessa cidade. E aqui permaneceremos de frente para a vista mais linda do mundo.

# As suas dúvidas sobre previdência acabam de se aposentar.

previdenciasemblablabla.com.br

Conheça o Previdência sem Blá Blá Blá, o novo portal da SulAmérica que esclarece todas as dúvidas sobre previdência com a ajuda de um dos maiores especialistas no assunto. Fácil, clara e interativa, essa iniciativa vai tornar a previdência privada muito mais simples de entender. **Acesse e saiba mais.**

**SulAmérica Previdência. Se aborrecer pra quê?**

SulAmérica

associada ao ING

# BRADESCO. **ÚNICO BRASILEIRO** ENTRE AS 10 MARCAS DE BANCO MAIS VALIOSAS DO MUNDO.

**Pela sexta vez consecutiva, o Bradesco é a instituição financeira do País melhor posicionada no ranking The Top 500 Banking Brands*.**

Isso é resultado da Presença do Bradesco trabalhando sempre com transparência, qualidade em produtos e serviços e responsabilidade socioambiental.

**MARCAS DE BANCOS MAIS VALIOSAS**

| BANCO | PAÍS DE ORIGEM | EM BILHÕES DE US$ |
|---|---|---|
| 1 - HSBC | REINO UNIDO | 27,597 |
| 2 - WELLS FARGO | EUA | 23,229 |
| 3 - BANK OF AMERICA | EUA | 22,910 |
| 4 - SANTANDER | ESPANHA | 19,969 |
| 5 - CHASE | EUA | 18,964 |
| 6 - CITI | EUA | 18,639 |
| 7 - AMERICAN EXPRESS | EUA | 18,231 |
| 8 - BNP PARIBAS | FRANÇA | 16,809 |
| 9 - BRADESCO | BRASIL | 15,692 |
| 10 - CHINA CONSTRUCTION BANK | CHINA | 15,464 |

*Ranking da Brand Finance, publicado na revista The Banker. Fonte: Brand Finance.

NEOGAMA/BBH

Baixe um leitor de QR Code em seu celular e aproxime o telefone do código ao lado.

bradesco.com.br/ri

Fone Fácil Bradesco: 4002 0022 / 0800 570 0022
SAC Alô Bradesco: 0800 704 8383
SAC Deficiência Auditiva ou de Fala: 0800 722 0099
Ouvidoria: 0800 727 9933

Bradesco